

Lewis Carroll

Alice

no País das Maravilhas

Alice's Adventures in Wonderland

Adaptação de Telma Guimarães



Suplemento do professor

Elaborado por Gilsandro Vieira Sales



EDITORA *do* BRASIL



A Coleção *bi* Clássicos

A proposta desta coleção é levar ao jovem leitor a oportunidade de conhecer obras da literatura mundial, consideradas verdadeiros clássicos, por meio de uma adaptação que traga o essencial da história original, preservando o estilo próprio de cada autor. Além disso, seu grande diferencial é o formato bilíngue dos livros: a adaptação do texto original foi feita em português e em inglês, e, apesar de estarem no mesmo livro, ambas são independentes e podem ou não ser trabalhadas ao mesmo tempo.

Esse formato bilíngue, além de proporcionar a chance de se conhecer um clássico da literatura universal, permite que se desenvolvam as inúmeras possibilidades que um livro com adaptações em duas línguas traz. Há um enorme leque de opções de trabalho em sala de aula, já que a interdisciplinaridade torna-se o eixo principal dessa proposta.

Arte e literatura em sala de aula

“A arte de trabalhar com as palavras”. Essa costuma ser a definição mais comum de literatura. A arte toca o sensível, exprime o subjetivo, emociona e liberta. A literatura é a capacidade de realizar tudo isso através da palavra. E a linguagem escrita tem a possibilidade de permanecer, até certo ponto, intacta. Ao longo da história, produziu-se o que chamamos de clássicos: obras literárias que representam o que há de melhor na literatura e que muito contribuíram para a formação da humanidade. Não é à toa que a literatura é uma manifestação artística apontada como essencial à formação do ser humano.

Por conta disso, a escola é sempre incentivada a oferecer ao aluno a oportunidade de entrar em contato com a arte literária. São muitas as possibilidades que se abrem ao professor, especialmente quando trabalha-se com ensino da língua: a literatura é um excelente modo de apresentar o mundo das palavras e oferecer ferramentas para operar com as diferentes linguagens, além de mostrar, também, um pouco da cultura que se produziu ao longo de toda a nossa evolução – já que a literatura é, além de tudo, reflexo de nossa história.

Trabalhar com literatura: tarefa simples?

Dependendo do modo como o livro é utilizado em sala de aula, há inúmeras chances de fazer com que os alunos passem a não gostar de literatura, causando o efeito contrário ao que se pretendia. Os clássicos correm o risco de jamais serem apreciados na escola, justamente por serem apresentados de modo equivocados. Forçar um aluno a ler um clássico pode criar pessoas com verdadeira aversão a livros. Obviamente, nenhum pai ou educador deseja isso, pois sabem a importância de formar indivíduos leitores, capazes de desenvolver o senso crítico tão essencial no mundo em que vivemos.

A adaptação dos clássicos surge, então, como alternativa para fazer com que o aluno entre em contato com o mundo consagrado da arte da palavra. As boas obras adaptadas poderão garantir que se desfrute do prazer de conhecer grandes nomes da literatura mundial, porém, sem as dificuldades nas quais ele poderia esbarrar se estivesse lendo o original, tais como a linguagem e a forma de abordar determinados assuntos. Mas para que essas adaptações sejam realmente boas, é necessário que possuam a qualidade de apresentar a essência da história, preservando o estilo que consagrou o autor. Ler a adaptação não impede que futuramente o aluno entre em contato e leia a obra original; isso, aliás, é algo que deve ser estimulado pelo professor. A adaptação pode ser, por isso, uma porta de entrada para a grande literatura.

Alice no País das Maravilhas

Este livro, publicado em 1865, representa um marco na história da literatura mundial, já que seu autor ousou romper com a estrutura das narrativas infantis de até então. O mundo mágico e fantasioso dos contos de fada foi, de certa forma, ressignificado por Lewis Carroll, que conseguiu fundi-lo com a realidade, sem deixar transparecer um ou outro. Nas aventuras da pequena Alice, a razão e a loucura se mesclam, tornando impossível saber ao certo o que deve ser levado a sério na história.

Dentro das fantásticas aventuras vividas pela menina, o autor conseguiu colocar muito de sua crítica à sociedade que o rodeava, de modo irônico e perspicaz, utilizando trocadilhos e o jogo com as palavras, tornando seu texto absolutamente divertido e instigante. Não é à toa que tantos adultos também gostam de se aventurar pelo País das Maravilhas.

Muitas foram as interpretações propostas na tentativa de “explicar” todos os significados do texto. Uma das teses é de que as aventuras vividas pela menina seriam uma metáfora da adolescência, a qual significa a incursão no mundo novo e desconhecido dos adultos. Esse mundo, aparentemente normal, não seria nada mais que um lugar excessivamente racional, cheio de regras, e que acaba por tornar-se sem sentido prático algum. O exagero na preocupação com o tempo, algo típico do mundo adulto, aparece na história por meio do apressado Coelho Branco e também à mesa de chá da Lebre de Março e do Chapeleiro Maluco. O fato de Alice crescer e diminuir a todo o momento seria também um indício desse conflito entre o mundo infantil e o adulto.

O mundo de Alice e Carroll

Lewis Carroll era inglês e nasceu em 1832. Seu nome de batismo, porém, era outro: Charles Lutwige Dodgson, professor de matemática do Christ College, da cidade de Oxford. Filho de um pastor anglicano, inicialmente fora criado para seguir a carreira do pai. Porém alguns problemas físicos e sua verdadeira paixão pela matemática – especialmente a lógica – o impossibilitaram disso. Carroll dedicou-se também à literatura, adotando nessas obras o pseudônimo que o tornaria mundialmente famoso.

A pequena Alice Liddel, filha de um amigo, o reitor da faculdade na qual Carroll lecionava, foi uma das responsáveis por inspirá-lo a criar o maravilhoso mundo apresentado neste livro. Enquanto inventava narrativas para divertir Alice e as irmãs, Carroll acabou criando um novo jeito de contar histórias infantis: a moral dos contos de fada, considerada boba pelo autor, foi suprimida por ele. Pouco tempo depois, a história maluca da menina que caiu na toca do coelho foi reformulada e lançada em livro, obtendo um estrondoso sucesso. O autor buscou criar, através das muitas situações aparentemente sem sentido apresentadas, um universo coerente, tornando Alice uma das histórias mais inteligentes e enigmáticas destinadas ao público infanto-juvenil. Esse livro rendeu também uma continuação: *Alice através do espelho*, no qual alguns personagens da primeira história são retomados e muitos outros são criados.

Lewis Carroll obteve grande reconhecimento de seu trabalho ainda em vida. Na corte da rainha Vitória, o autor desfrutava de um enorme prestígio, inclusive com a própria rainha – mesmo a tendo satirizado ao criar a personagem Rainha de Copas. Carroll acabou nunca se casando, e era considerado excêntrico demais. Ele faleceu em 1898, aos 66 anos.

Algumas sugestões de trabalho com o livro

Há várias possibilidades para o trabalho com essa coleção: é possível utilizar apenas a parte em português, ou só a parte em inglês, ou as duas ao mesmo tempo. Pode-se incluir nisso o trabalho específico com a literatura, abordando questões relacionadas à obra e a seu contexto, bem como a forma pela qual os autores (tanto do original quanto da adaptação) construíram a história. Professor, a seguir estão algumas sugestões de utilização do livro em sala de aula; porém, fica a seu critério escolher como aproveitar esse rico material que se apresenta. Boa aventura e bom trabalho!

Com vocês, Alice!

É importante fazer uma boa apresentação do livro antes de iniciar qualquer trabalho. Explique quando, onde e em que contexto essa história surgiu (para isso, utilize as informações deste suplemento e do livro, ou faça, se julgar necessário, uma pesquisa complementar). Fale que a história, por ter ficado tão famosa, ganhou adaptações cinematográficas, teatrais e muitas outras. Em suma, faça uma breve contextualização do significado de Alice para a nossa cultura. Isso é importante, pois proporciona maior sentido ao trabalho, já que os alunos terão a chance de saber sobre o que está se falando. Destaque que a história foi originalmente escrita em inglês e mostre também como se organiza esta edição: um livro bilíngue, porém com partes independentes. Explique o que é a adaptação de um texto e fale sobre o porquê de se utilizar essa adaptação; lembre-se de enfatizar que é importante que eles leiam, quando se sentirem preparados, também o texto original. Feito isso, você já pode partir para a leitura do livro.

Estratégias de leitura

Preparando nossos leitores – a princípio, é importante organizar como será feita a leitura. Por se tratar de um texto relativamente grande, dependendo da faixa etária em que está sendo utilizado, é necessário garantir que todos o leiam por igual. Destaque que a primeira parte, em português, tem 12 capítulos, cada um com um título diferente. Peça a eles para, à medida que forem lendo, anotarem o que acontece de mais importante em cada capítulo. Estabeleça uma data limite para a conclusão da leitura. Se preferir, também é possível fazer a leitura em sala, ao longo de algumas aulas. Para isso, basta organizar o planejamento para não atrapalhar o seu cronograma.

Depois da leitura – feita a leitura, solicite que apresentem oralmente um resumo da história: organize grupos de três ou quatro alunos e peça para relembra-rem a ordem dos acontecimentos. É importante que você procure ouvir os grupos isoladamente, para evitar que todos queiram falar ao mesmo tempo. Após esse exercício de reconstrução da história em grupo, destaque as partes mais engraçadas, estranhas, interessantes: chame a atenção para a galeria de personagens curiosos. Procure explicar o *nonsense* do texto, ou seja, fale sobre a aparente falta de sentido de algumas coisas que acontecem. Finalmente, pergunte a todos o que acharam do livro. Trata-se de um momento importante saber a opinião dos alunos a respeito da história que foi lida. Respeite as interpretações e as opiniões divergentes; se estiver trabalhando com uma turma mais madura, destaque a importância de eles terem uma postura crítica em relação ao livro.

Outras atividades possíveis

Os livros difíceis – na primeira cena da história, Alice está ouvindo a leitura que a irmã faz de um livro: “De que adianta um livro sem desenhos?”, ela pergunta. Mais do que isso, a curiosa menina está manifestando a opinião do autor e de outras milhares de crianças sobre a “chatice” dos livros pouco divertidos que eram obrigados a ler. Há nisso uma boa oportunidade para falar sobre a importância das adaptações dos clássicos da literatura, já que elas significam o acesso a esses livros, sem as dificuldades que a leitura do original poderia causar a princípio. Pergunte aos alunos se eles concordam que “um livro sem desenhos” é sem graça. Explique as diferenças entre um livro que é considerado para adultos e outro para crianças ou jovens, enfatizando que isso depende muito do nível do leitor. Ou seja, quando eles se tornarem leitores mais experientes, irão apreciar os livros sem gravura, mas para que isso ocorra é preciso que eles comecem com livros “mais simples”.

Ilustrando – as ilustrações da primeira edição de Alice são de John Tenniel e foram cuidadosamente encomendadas e aprovadas por Lewis Carroll. Na internet, você pode acessá-las (disponível em: <www.johntenniel.com/art.php?min=0&max=10000000> – em inglês). Há muitas coisas interessantes a descobrir nesses desenhos. Por exemplo: por que Tenniel, assim como outros ilustradores de Alice, desenhou a Tartaruga Falsa com cara de vaca? A resposta você pode conferir no final deste suplemento, na seção Curiosidades sobre o livro. Aproveite essa questão para trabalhar com os alunos as ilustrações dessa edição bilíngue, enfatizando que elas ajudam a complementar o texto através da linguagem visual e que incorporam toda a tradição que vem desde as ilustrações originais aliada à uma linguagem moderna e contemporânea. Com base nas imagens do livro, peça para que os alunos desenhem uma cena de que tenham gostado e que não aparece entre as ilustrações feitas.

Recontando os contos de fadas – a história de Alice tem algumas semelhanças com os contos de fadas, mas com muitos novos elementos. Apesar de os alunos já estarem “crescidinhos”, todos podem ainda gostar, ou pelo menos se lembrar, de como eram as típicas histórias infantis. Analise com a turma o seguinte trecho do livro: “Quando eu lia um conto de fadas, imaginava essas coisas, mas elas nunca aconteciam de verdade... Agora eu estou bem aqui no meio de um... Quando eu crescer, vou escrever um livro...” (p. 20). Pensando na estrutura de um conto de fadas e sabendo que Lewis Carroll pretendia contar suas histórias de modo diferente, questione os alunos sobre a afirmação de Alice: será mesmo que ela estava em um conto de fadas? A partir dessa ideia de Alice, proponha a reescrita de algum conto de fadas famoso, utilizando alguns dos personagens que aparecem nesta história. Pode-se, inserir, por exemplo, o Chapeleiro Maluco, a Lebre de Março e o Grifo em uma história como Chapeuzinho Vermelho ou a Bela Adormecida. Estimule a criatividade dos alunos e ajude-os a criar o enredo de modo coerente.

Hora da enfeição – a cena com a Tartaruga Falsa e o Grifo é uma sátira ao exagero das obrigações escolares às quais as crianças eram submetidas (p. 51). “Enrolar e retorscrer” obviamente não existem em escola alguma e as operações matemáticas listadas pela Tartaruga são trocadilhos com os nomes verdadeiros. Proponha a seguinte atividade: todos devem, individualmente, criar uma narrativa na qual contem como seria uma escola onde essas matérias fossem ensinadas. Eles podem também, a partir de disciplinas reais, como

História e Geografia, por exemplo, criar novos nomes absurdos e imaginar como seria estudar em um lugar assim. O importante é estar no texto de cada um coisas absurdas como as que acontecem no País das Maravilhas. Essa pode ser uma excelente oportunidade para você trabalhar com a noção de coerência textual e verossimilhança com os alunos. Num texto comum, são raras as vezes em que se pode lançar mão de elementos absurdos para construir a história; aproveite para explicar que as formas de se escrever um texto variam de acordo com os objetivos. Numa narrativa ficcional é fundamental que se trabalhe com a verossimilhança, que é a coerência interna que o texto irá apresentar, possibilitando que mesmo os mais absurdos fatos façam sentido dentro daquela história.

Paródia: a importância do ritmo – Carroll troca as letras e faz versões engraçadas de muitos poemas e músicas populares de seu tempo, como em “Você está velho, papai”, recitado por Alice à Lagarta. Com base nisso, proponha a seguinte atividade: escolha uma música popular de nossa época (sugestões: “Como pode um peixe vivo...”; “O cravo e a rosa” etc.). A tarefa será transformá-la em paródia: uma versão diferente e, de preferência, bem engraçada da letra original. Será importante, para isso, trabalhar conceitos básicos de rima, métrica e ritmo. Para começar, apresente a letra do original transcrita. Em seguida, mostre quais palavras poderiam ser trocadas para construir novo sentido. Por exemplo: os versos “como pode um peixe vivo/viver fora da água fria” pode se transformar em: “como pode um indivíduo/comer tanta porcaria”. Depois, peça para que, em grupos, eles façam suas paródias para a música escolhida. A ideia é inovar e transformar essas letras, de forma que os alunos percebam que a arte de construir versos exige estudo e atenção.

Sessão pipoca – organize uma sessão de cinema com a turma. Após a leitura do livro, você pode exibir a animação *Alice no País das Maravilhas*, da Disney. Explique as diferenças entre o livro e o filme: são formas de arte bastante distintas, porém ambas estão tratando do mesmo tema (neste momento, você pode aproveitar as reflexões sobre arte apresentadas no início deste suplemento). Walt Disney, entretanto, optou por cortar algumas cenas e incluir outras, muitas delas inspiradas no segundo livro das aventuras de Alice. Portanto, é importante frisar aos alunos que eles verão um desenho que não necessariamente será igual ao livro lido; por isso é que dizemos que o filme foi “adaptado”. Descubra mais sobre a adaptação cinematográfica consultando o site <www.animatoons.com.br/movies/alice_in_wonderland/>.

Cortem-lhe a cabeça! – a Rainha de Copas adora mandar. Entre um jogo de croqué e outro, ela quer que todos satisfaçam suas vontades; do contrário, manda cortar a cabeça de quem não concorda com ela. A fala da Duquesa (que também é uma figura da nobreza) na p. 28 reforça a intenção do autor em abordar essa questão: “– Por falar em revolução, pegue uma serra e corte a cabeça dela!” A sátira de Lewis Carroll ao autoritarismo da monarquia pode servir de ponto de partida para um trabalho com a disciplina História. Organize uma pesquisa sobre os regimes autoritários e também sobre a Revolução Francesa, episódio em que cortar cabeças na guilhotina era muito comum. Você pode estender a pesquisa pedindo que procurem saber mais sobre o momento e o lugar em que Lewis Carroll viveu e escreveu Alice (a Inglaterra do século XIX). Muitos elementos desse livro remetem ao contexto histórico em que foi escrito e seria muito interessante poder expandir com os alunos um pouco mais esse conhecimento.

Alice's Adventures in Wonderland - trabalhando o texto em inglês

Para o trabalho com a adaptação em inglês, faça as mesmas considerações feitas para a leitura do texto em português, destacando as particularidades dessa parte do livro. Neste caso, enfatize o tamanho menor do texto, suas especificidades, e ajude a esclarecer as dúvidas, utilizando o glossário que está no final do livro: ele foi especialmente elaborado para solucionar as principais dificuldades quanto ao vocabulário específico.

Peça que os alunos façam, durante a leitura, anotações das possíveis dúvidas que tiverem com relação ao texto e que fiquem atentos à forma como a história é contada.

A adaptação do livro em inglês possibilita o desenvolvimento de várias atividades:

- O texto basicamente não utiliza verbos no passado, e isso o torna bastante acessível para quem está iniciando o aprendizado da língua inglesa. Para mostrar essa característica, destaque algum trecho do texto (pode ser o início), passando os verbos para o passado. Ao comparar esse trecho à parte em português, é ainda mais fácil notar essas diferenças.
- Pode-se trabalhar também noções simples de gramática do inglês, tais como: concordância verbal (o correto é *Alice stops* e não *Alice stop*, pois trata-se de 3ª pessoa do singular no *present tense*); caso genitivo (*Alice's sister* = a irmã de Alice); contrações (*I'm*; *there's*; *he's*) etc. Além disso, usa-se em inglês aspas nas falas dos personagens, e não travessão como no português.
- Organize um jogo para testar a ortografia dos alunos na língua inglesa. Separe algumas palavras recorrentes no texto e faça um ditado. Para tornar a atividade mais interessante, experimente escrever na lousa algumas palavras da história, só que embaralhadas. Por exemplo: *nlawndreod* → *wonderland*. Divida os alunos em grupos e peça para que adivinhem e reescrevam a palavra corretamente.
- Peça para que acrescentem mais palavras ao glossário que consta no livro, procurando o significado e escrevendo corretamente as definições.
- Experimente traduzir um capítulo inteiro, tirando dúvidas e explicando melhor a necessidade de se fazer algumas adaptações ao passar um termo de uma língua para outra.
- Organize a turma em grupos e peça uma leitura dramatizada do texto. Cada um ficará responsável pela fala de um personagem e do narrador. Acompanhe os grupos e procure desenvolver com esta atividade a pronúncia das palavras.

Curiosidades sobre o livro

- Lewis Carroll tinha grande interesse por questões científicas; daí a inclusão de várias passagens em que aborda esse tema, como, por exemplo, no momento em que Alice está caindo no buraco e se pergunta se chegará ao centro da Terra.
- Dodôs eram aves comuns na Inglaterra. Hoje elas são consideradas espécies extintas.
- O gato de Cheshire aparece e desaparece, chegando às vezes a ficar visível apenas o seu sorriso. Isso pode ter a seguinte explicação: os queijos feitos em Cheshire eram moldados na forma de um gato sorrindo. Ao cortá-los, começava-se pelo final – a cauda – até chegar à boca do gato, e seu sorriso era o último a desaparecer.
- Alice diz que vai ver a Lebre de Março porque, como estão em maio, ela deve estar menos louca. O mês de março é a época de acasalamento das lebres, período em que elas estão bastante agitadas.

- À época do livro não havia geladeira, e a pimenta era muito utilizada ao cozinhar para disfarçar o gosto ruim de alguns alimentos, que apodreciam com facilidade.
- Grifos são seres mitológicos e eram conhecidos por serem bons guardiões. Quando Alice encontra um grifo, ele está dormindo. Essa é mais uma prova do quanto Carroll quis ser irônico em sua história.
- Era um hábito comum na Inglaterra tomar sopa de tartaruga falsa, que na verdade era feita com vitela, ou seja, uma bezerra. Observe o desenho da Tartaruga Falsa no livro: parece com uma vaca, não é mesmo?

Orientações sobre o suplemento de atividades

1. a) Ajude-os a refletir e elaborar uma opinião pessoal sobre a história. Vale discutir, debater para que todos manifestem o que acharam a respeito do livro. **b)** Estimule-os a falar sobre as experiências anteriores com a história. **c)** Você pode fazer uma breve comparação entre as histórias para fazê-los perceber as diferenças. Alice é diferente porque o mundo real foi transportado para um mundo mágico. Nos contos de fada como Cinderela, os elementos mágicos já fazem parte do mundo real dos personagens.

2. a) 20. Lagarta (7 letras). Segundo resultado: 140. **b)** 24. Cartas: Cinco, Sete e Dois. Segundo resultado: 38.

c) Inglaterra **d)** França **e)** Itália **f)** Europa.

3. Em condições ideais, seria possível atingir o centro da Terra. No entanto, seria uma tarefa quase impossível passarmos intactos pelas camadas de magma que estão no núcleo de nosso planeta. Ainda que conseguíssemos isso, os cientistas apontam que não chegaríamos ao outro lado, simplesmente porque esse núcleo nos atrairia eternamente para si. Alice cogita que chegará à Austrália ou à Nova Zelândia porque esses países ficam do outro lado do mundo.

4. a) Trocando uma letra: gata, lata, paca. / Trocando duas letras: mega, leva, gema. / Trocando três letras: tarefa, panela, careta.

b) Ajude-os a montar um texto coeso e coerente a partir de uma lista de palavras. As linhas que estão disponíveis são suficientes, já que a historinha deve ser bem curta.

5. a) A sombra do elefante. **b)** O burro empaca, mas a paca não emburra. **c)** A farinha de rosca. **d)** Para dar um trote.

6. Ajude-os a soltar a imaginação, dando sugestões de quais esportes eles poderiam retratar e quais objetos e bichos poderiam usar.

7. A resposta é Lavanderia. Alice, espertamente, observou que não fazia sentido ter isso tipo de aula no fundo do mar, no meio de tanta água.

8. a) Resposta pessoal. Incentive-os a falar sobre o assunto de modo coerente, justificando bem suas respostas. **b)** Resposta pessoal. Fale sobre a boa educação de Alice, por exemplo, e estimule-os a construir uma reclamação respeitosa.

9. a) Estimule-os a pensar sobre a importância da infância e da

juventude para nossa formação. **b)** Faça-os pensar sobre futuro, perspectivas, enfim, falemos um pouco sobre o que esperam da vida quando crescerem.

Activities

- 1. a)** watch **b)** cat **c)** thimble **d)** caterpillar **e)** pig **f)** tea **g)** trial.
- 2. a)** White Rabbit **b)** Mouse **c)** Mary Ann **d)** mushroom **e)** Mad Hatter **f)** head.
- 3. a)** stops/ is / goes / follows / see. **b)** lives / answer / lives / visit.
- 4. (third)** Caterpillar gives an advice to Alice. / **(fourth)** Alice meets Cheshire Cat at the Duchess's house. / **(first)** Alice falls in the rabbit hole. / **(sixth)** The King and the Queen judge Jack of Hearts. / **(second)** The Mouse swims in the pool of tears with Alice. / **(fifth)** Mock Turtle sings a song to Alice.

